



Universidade da Amazônia

# Sarças de Fogo

de Olavo Bilac

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



**Sarças de Fogo**  
de Olavo Bilac

O Julgamento de Frinéia

Mnezarete, a divina, a pálida Frinéia,  
Comparece ante a austera e rígida assembléia  
Do Areópago supremo. A Grécia inteira admira  
Aquela formosura original, que inspira  
E dá vida ao genial cinzel de Praxíteles,  
De Hiperides à voz e à palheta de Apeles.

Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam  
E das roupas, enfim, livres os corpos saltam,  
Nenhuma hetera sabe a primorosa taça,  
Transbordante de Cós, erguer com maior graça,  
Nem mostrar, a sorrir, com mais gentil meneio,  
Mais formoso quadril, nem mais nevado seio.

Estremecem no altar, ao contempla-la, os deuses,  
Nua, entre aclamações, nos festivais de Elêusis...  
Basta um rápido olhar provocante e lascivo:  
Quem na frente o sentiu curva a frente, cativo...  
Nada iguala o poder de suas mios pequenas:  
Basta um gesto, — e a seus pés roja-se humilde Atenas...  
Vai ser julgada. Um véu, tornando inda mais bela  
Sua oculta nudez, mal os encantos vela,  
Mal a nudez oculta e sensual disfarça.  
Cai-lhe, espáduas abaixo, a cabeleira esparsa...  
Queda-se a multidão. Ergue-se Eutias. Fala,  
E incita o tribunal severo a condena-la:

"Elêusis profanou! É falsa e dissoluta,  
Leva ao lar a cizânia e as famílias enluta!  
Dos deuses zomba! É ímpia! É má!" (E o pranto ardente  
Corre nas faces dela, em fios, lentamente...)  
"Por onde os passos move a corrupção se espraia,  
E estende-se a discórdia! Heliastes! Condenai-a!"

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma...  
Mas, de pronto, entre a turba Hiperides assoma,  
Defende-lhe a inocência, exclama, exora, pede,  
Suplica, ordena, exige... O Areópago não cede.  
"Pois condenai-a agora!" E à ré, que treme, a branca  
Túnica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juizes deslumbrados,  
— Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:

Nua e branca, de pé, patente à luz do dia  
Todo o corpo ideal, Frinéia aparecia  
Diante da multidão atônita e surpresa,  
No triunfo imortal da Carne e da Beleza.

### Marinha

Sobre as ondas oscila o batel docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a vela.  
Na água mansa do mar passam tremulamente  
Áureos traços de luz, brilhando esparsos nela.

Lá desponta o luar. Tu, palpitante e bela,  
Canta! Chega-te a mim! Dá-me essa boca ardente!  
Sobre as ondas oscila o batei docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a vela.

Vagas azuis, parai! Curvo céu transparente,  
Nuvens de prata, ouvi! — Ouça na altura a estrela,  
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente:  
Ela canta! — e, embalado ao som do canto dela,  
Sobre as ondas oscila o batel docemente.

### Sobre as Bodas de um Sexagenário

Amas. Um novo sol apontou no horizonte,  
E ofuscou-te a pupila e iluminou-te a fronte...

Lívido, o olhar sem luz, roto o manto, caída  
Sobre o peito, a tremer, a barba encanecida,  
Descias, cambaleando, a encosta pedregosa  
Da velhice. Que mão te ofereceu, piedosa,  
Um piedoso bordão para amparar teus passos?  
Quem te estendeu a vida, estendendo-te os braços?  
Ias desamparado, em sangue os pés, sozinho...  
E era horrendo o arredor, torvo o espaço, o caminho  
Sinistro, acidentado... Uivava perto o vento  
E rodavam bulções no torvo firmamento.  
Entrado de terror, a cada passo o rosto  
Voltavas, perscrutando o caminho transposto,  
E volvias o olhar: e o olhar alucinado  
Via de um lado a treva, a treva de outro lado,  
E assombrosas visões, vultos extraordinários,  
Desdobrando a correr os trêmulos sudários.  
E ouvias o rumor de uma enxada, cavando  
Longe a terra... E paraste exânime.

### Foi quando

Te pareceu ouvir, pelo caminho escuro,  
Soar de instante a instante um passo mal seguro

Como o teu. E atentando, entre alegria e espanto,  
Viste que vinha alguém compartilhando o teu pranto,  
Trilhando a mesma estrada horrível que trilhavas,  
E ensangüentando os pés onde os ensangüentavas.  
E sorriste. No céu fulgurava uma estrela...

E sentiste falar subitamente, ao vê-la,  
Teu velho coração dentro do peito, como  
Desperto muita vez, no derradeiro assomo  
Da bravura, — sem voz, decrépito, impotente,  
Trôpego, sem vigor, sem vista, — de repente  
Riça a juba, e, abalando a solidão noturna,  
Urra um velho leão numa apartada furna.

### Abyssus

Bela e traidora! Beijas e assassinas...  
Quem te vê não tem forças que te oponha:  
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,  
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...

Seduzes, e convidas, e fascinas,  
Como o abismo que, pérfido, a medonha  
Fauce apresenta flórida e risonha,  
Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado  
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,  
Avança incauto... Súbito, esbroado,

Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre,  
Vacila e grita, luta e se ensangüenta,  
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

### Pantum

Quando passaste, ao declinar do dia,  
Soava na altura indefinido arpejo:  
Pálido, o sol do céu se despedia,  
Enviando à terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...  
Cantava perto um pássaro, em segredo;  
E, enviando à terra o derradeiro beijo,  
Esbatia-se a luz pelo arvoredos.

Cantava perto um pássaro em segredo;  
Cortavam fitas de ouro o firmamento...  
Esbatia-se a luz pelo arvoredos:  
Caíra a tarde; sossegara o vento.

Cortavam fitas de ouro o firmamento...  
Quedava imoto o coqueiral tranqüilo...  
Caíra a tarde. Sossegara o vento.  
Que mágoa derramada em tudo aquilo!

Quedava imoto o coqueiral tranqüilo.  
Pisando a areia, que a teus pés falava,  
(Que mágoa derramada em tudo aquilo!)  
Vi lá embaixo o teu vulto que passava.

Pisando a areia, que a teus pés falava,  
Entre as ramadas flóridas seguiste.  
Vi lá embaixo o teu vulto que passava...  
Tio distraída! — nem sequer me viste!

Entre as ramadas flóridas seguiste,  
E eu tinha a vista de teu vulto cheia.  
Tio distraída! — nem sequer me viste!  
E eu contava os teus passos sobre a areia.

Eu tinha a vista de teu vulto cheia.  
E, quando te sumiste ao fim da estrada,  
Eu contava os teus passos sobre a areia:  
Vinha a noite a descer, muda e pausada...

E, quando te sumiste ao fim da estrada,  
Olhou-me do alto uma pequena estrela.  
Vinha a noite, a descer, muda e pausada,  
E outras estrelas se acendiam nela.

Olhou-me do alto uma pequena estrela,  
Abrindo as áureas pálpebras luzentes:  
E outras estrelas se acendiam nela,  
Como pequenas lâmpadas trementes.

Abrindo as áureas pálpebras luzentes,  
Clarearam a extensão dos largos campos;  
Como pequenas lâmpadas trementes  
Fosforeavam na relva os pirilampos.

Clarearam a extensão dos largos campos...  
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...  
Fosforeavam na relva os pirilampos...  
E eu inda estava a tua imagem vendo.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo:  
A terra toda em derredor dormia...  
E eu inda estava a tua imagem vendo,  
Quando passaste ao declinar do dia!

### Na Tebaida

Chegas, com os olhos úmidos, tremente  
A voz, os seios nus, — como a rainha  
Que ao ermo frio da Tebaida vinha  
Trazer a tentação do amor ardente.

Luto: porém teu corpo se avizinha  
Do meu, e o enlaça como uma serpente...  
Fujo: porém a boca prendes, quente,  
Cheia de beijos, palpitante, à minha...

Beija mais, que o teu beijo me incendeia!  
Aperta os braços mais! Que eu tenha a morte,  
Preso nos laços de prisão tão doce!

Aperta os braços mais, — frágil cadeia  
Que tanta força tem não sendo forte,  
E prende mais que se de ferro fosse!

### Milagre

É nestas noites sossegadas,  
Em que o luar aponta, e a fina,  
Móbil e trêmula cortina  
Rompe das nuvens espalhadas;

Em que no azul espaço, vago,  
Cindindo o céu, o alado bando,  
Vai das estrelas caminhando  
Aves de prata à flor de um lago;

E nestas noites — que, perdida,  
Louca de amor, minh'alma voa  
Para teu lado, e te abençoa,  
Ó minha aurora! Ó minha vida!

No horrendo pântano profundo  
Em que vivemos, és o cisne  
Que o cruza, sem que a alvura tisne  
Da asa no limo infecto e imundo.

Anjo exilado das risonhas  
Regiões sagradas das alturas,  
Que passas puro, entre as impuras  
Humanas cóleras medonhas!

Estrela de ouro calma e bela,  
Que, abrindo a lúcida pupila,  
Brilhas assim clara e tranqüila

Nas torvas nuvens da procela!

Raio de sol dourando a esfera  
Entre as neblinas deste inverno,  
E nas regiões do gelo eterno  
Fazendo rir a primavera!

Lírio de pétalas formosas,  
Erguendo à luz o níveo seio,  
Entre estes cardos, e no meio  
Destas eufórbias venenosas!

Oásis verde no deserto!  
Pássaro voando descuidado  
Por sobre um solo ensangüentado  
E de cadáveres coberto!

Eu que homem sou, eu que a miséria  
Dos homens tenho, — eu, verme obscuro,  
Amei-te, flor! E, lodo impuro,  
Tentei roubar-te a luz sidérea...

Vaidade insana! Amar ao dia  
A treva horrenda que negreja!  
Pedir a serpe, que rasteja,  
Amor à nuvem fugidia!

Insano amor! Vaidade insana!  
Unir num beijo o aroma à peste!  
Vazar, num jorro, a luz celeste  
Na escuridão da noite humana!

Mas, ah! Quiseste a ponta da asa,  
Da pluma trêmula de neve  
Descer a mim, roçar de leve  
A superfície desta vasa...

E tanto pôde essa piedade,  
E tanto pôde o amor, que o lodo  
Agora é céu, é flores todo,  
E a noite escura é claridade!

Numa Concha

Pudesse eu ser a concha nacarada,  
Que, entre os corais e as algas, a infinita  
Mansão do oceano habita,  
E dorme reclinada  
No fofo leito das areias de ouro...  
Fosse eu a concha e, ó pérola marinha!

Tu fosses o meu único tesouro,  
Minha, somente minha!

Ah! Com que amor, no ondeante  
Regaço da água transparente e clara,  
Com que volúpia, filha, com que anseio  
Eu as valvas de nácar apertara,  
Para guardar-te toda palpitante  
No fundo de meu seio!

#### Súplica

Falava o sol. Dizia:  
"Acorda! Que alegria  
Pelos ridentes céus se espalha agora!  
Foge a neblina fria.  
Pede-te a luz do dia,  
Pedem-te as chamas e o sorrir da aurora!"

Dizia o rio, cheio  
De amor, abrindo o seio:  
"Quero abraçar-te as formas primorosas!  
Vem tu, que embalde veio  
O sol: somente anseio  
Por teu corpo, formosa entre as formosas!"

Quero-te inteiramente  
Nua! Quero, tremente,  
Cingir de beijos tuas róseas pomas,  
Cobrir teu corpo ardente,  
E na água transparente  
Guardar teus vivos, sensuais aromas!"

E prosseguia o vento:  
"Escuta o meu lamento!  
Vem! Não quero a folhagem perfumada;  
Com a flor não me contento!  
Mais alto é o meu intento:  
Quero embalar-te a coma desnastrada!"

Tudo a exigia... Entanto,  
Alguém, oculto a um canto  
Do jardim, a chorar, dizia: "Ó bela!  
Já te não peço tanto:  
Secara-se o meu pranto  
Se visse a tua sombra na janela!"

#### Canção

Dá-me as pétalas de rosa



Dessa boca pequenina:  
Vem com teu riso, formosa!  
Vem com teu beijo, divina!

Transforma num paraíso  
O inferno do meu desejo...  
Formosa, vem com teu riso!  
Divina, vem com teu beijo!

Oh! Tu, que tornas radiosa  
Minh'alma, que a dor domina,  
Só com teu riso, formosa,  
Só com teu beijo, divina!

Tenho frio, e não diviso  
Luz na treva em que me vejo:  
Dá-me o clarão do teu riso!  
Dá-me o fogo do teu beijo!

#### Rio Abaixo

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...  
Quase noite. Ao sabor do curso lento  
Da água, que as margens em redor alaga,  
Seguimos. Curva os bambuais o vento.

Vivo há pouco, de púrpura, sangrento,  
Desmaia agora o ocaso. A noite apaga  
A derradeira luz do firmamento.  
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silêncio tristíssimo por tudo  
Se espalha. Mas a lua lentamente  
Surge na fímbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pálido, embebido  
Como um gládio de prata na corrente,  
Rasga o seio do rio adormecido.  
Satânia

Nua, de pé, solto o cabelo às costas,  
Sorri. Na alcova perfumada e quente,  
Pela janela, como um rio enorme  
De áureas ondas tranqüilas e impalpáveis,  
Profusamente a luz do meio-dia  
Entra e se espalha palpitante e viva.  
Entra, parte-se em feixes rutilantes,  
Aviva as cores das tapeçarias,  
Doura os espelhos e os cristais inflama.  
Depois, tremendo, como a arfar, desliza  
Pelo chão, desenrola-se, e, mais leve,

Como uma vaga preguiçosa e lenta,  
Vem lhe beijar a pequenina ponta  
Do pequenino pé macio e branco.

Sobe... Cinge-lhe a perna longamente;  
Sobe... — e que volta sensual descreve  
Para abranger todo o quadril! — prossegue.  
Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,  
Morde-lhe os bicos túmidos dos seios,  
Corre-lhe a espádua, espia-lhe o recôncavo  
Da axila, acende-lhe o coral da boca,  
E antes de se ir perder na escura noite,  
Na densa noite dos cabelos negros,  
Pára confusa, a palpitar, diante  
Da luz mais bela dos seus grandes olhos.

E aos mornos beijos, às carícias ternas  
Da luz, cerrando levemente os cílios,  
Satânia os lábios úmidos encurva,  
E da boca na púrpura sangrenta  
Abre um curto sorriso de volúpia...  
Corre-lhe à flor da pele um calefrio;  
Todo o seu sangue, alvoroçado, o curso  
Apressa; e os olhos, pela fenda estreita  
Das abaixadas pálpebras radiando,  
Turvos, quebrados, lânguidos, contemplam,  
Fitos no vácuo, uma visão querida...

Talvez ante eles, cintilando ao vivo  
Fogo do ocaso, o mar se desenrole:  
Tingem-se as águas de um rubor de sangue,  
Uma canoa passa... Ao largo oscilam  
Mastros enormes, sacudindo as flâmulas...  
E, alva e sonora, a murmurar, a espuma  
Pelas areias se insinua, o limo  
Dos grosseiros cascalhos prateando...

Talvez ante eles, rígidas e imóveis,  
Vicem, abrindo os leques, as palmeiras:  
Calma em tudo. Nem serpe sorrateira  
Silva, nem ave inquieta agita as asas.  
E a terra dorme num torpor, debaixo  
De um céu de bronze que a comprime e estreita...

Talvez as noites tropicais se estendam  
Ante eles: infinito firmamento,  
Milhões de estrelas sobre as crespas águas

De torrentes caudais, que, esbravejando,  
Entre altas serras surdamente rolam...

Ou talvez, em países apartados,  
Fitem seus olhos uma cena antiga:  
Tarde de Outono. Uma tristeza imensa  
Por tudo. A um lado, à sombra deleitosa  
Das tamareiras, meio adormecido,

Fuma um árabe. A fonte rumoreja  
Perto. À cabeça o cântaro repleto,  
Com as mãos morenas suspendendo a saia,  
Uma mulher afasta-se, cantando.  
E o árabe dorme numa densa nuvem  
De fumo... E o canto perde-se à distância...  
E a noite chega, tépida e estrelada...

Certo, bem doce deve ser a cena  
Que os seus olhos extáticos ao longe,  
Turvos, quebrados, lânguidos, contemplam.  
Há pela alcova, entanto, um murmúrio  
De vozes. A princípio é um sopro escasso,  
Um sussurrar baixinho. Aumenta logo:  
É uma prece, um clamor, um coro imenso  
De ardentes vozes, de convulsos gritos.  
É a voz da Carne, é a voz da Mocidade,  
— Canto vivo de força e de beleza,  
Que sobe desse corpo iluminado...

Dizem os braços: "— Quando o instante doce  
Há de chegar, em que, à pressão ansiosa  
Destes laços de músculos sadios,  
Um corpo amado vibrará de gozo? —"

E os seios dizem: "— Que sedentos lábios,  
Que ávidos lábios sorverão o vinho  
Rubro, que temos nestas cheias taças?"

Para essa boca que esperamos, pulsa  
Nestas carnes o sangue, enche estas veias,  
E entesa e apruma estes rosados bicos... —"

E a boca: "— Eu tenho nesta fina concha  
Pérolas níveas do mais alto preço,  
E corais mais brilhantes e mais puros  
Que a rubra selva que de um tino manto  
Cobre o fundo dos mares da Abissínia...  
Ardo e suspiro! Como o dia tarda  
Em que meus lábios possam ser beijados,  
Mais que beijados: possam ser mordidos —"

Mas, quando, enfim, das regiões descendo  
Que, errante, em sonhos percorreu, Satânia

Olha-se, e vê-se nua, e, estremecendo,  
Veste-se, e aos olhos ávidos do dia  
Vela os encantos, — essa voz declina  
Lenta, abafada, trêmula...

Um barulho  
De linhos frescos, de brilhantes sedas  
Amarrotadas pelas mãos nervosas,  
Enche a alcova, derrama-se nos ares...  
E, sob as roupas que a sufocam, inda  
Por largo tempo, a soluçar, se escuta  
Num longo choro a entrecortada queixa  
Das deslumbrantes carnes escondidas...

Quarenta Anos  
Sim! Como um dia de verão, de acesa  
Luz, de acesos e cálidos fulgores,  
Como os sorrisos da estação das flores,  
Foi passando também tua beleza.

Hoje, das garras da descrença presa,  
Perdes as ilusões. Vão-se-te as cores  
Da face. E entram-te n'alma os dissabores,  
Nublam-te o olhar as sombras da tristeza.

Expira a primavera. O sol fulgura  
Com o brilho extremo... E aí vêm as noites frias,  
Aí vem o inverno da velhice escura...

Ah! Pudesse eu fazer, novo Ezequias,  
Que o sol poente dessa formosura  
Volvesse à aurora dos primeiros dias!  
Vestígios

Foram-te os anos consumindo aquela  
Beleza outrora viva e hoje perdida...  
Porém teu rosto da passada vida  
Inda uns vestígios trêmulos revela.

Assim, dos rudes furacões batida,  
Velha, exposta aos furores da procela,  
Uma árvore de pé, serena e bela,  
Inda se ostenta, na floresta erguida

Raivoso o raio a lasca, e a estala, e a fende...  
Racha-lhe o tronco anoso... Mas, em cima,  
Verde folhagem triunfal se estende.

Mal segura no chão, vacila... Embora!  
Inda os ninhos conserva, e se reanima  
Ao chilrear dos pássaros de outrora...

Um Trecho de Th. Gautier  
(Mile de Maupin)

É porque eu sou assim que o mundo me repele,  
E é por isso também que eu nada quero dele  
Minh'alma é uma região ridente e esplendorosa,  
Na aparência; porém pútrida e pantanosa,  
Cheia de emanções mefíticas, repleta  
De imundos vibriões, como a região infecta  
Da Batávia, de um ar pestífero e nocivo.  
Olha a vegetação: tulipas de ouro vivo,  
Fulvos nagassarís de ampla coroa, flores  
De angoska, pompeando a opulência das cores,  
Viçam; viçam rosais de púrpura, sorrindo  
Sob o límpido azul de um céu sereno e infundo...  
Mas a flórea cortina entreabre, e vê: — no fundo,  
Sobre os trôpegos pés movendo o corpo imundo,  
Vai de rastos um sapo hidrópico e nojento...

Olha esta fonte agora: o claro firmamento  
Traz no puro cristal, puro como um diamante.  
Viajor! De longe vens, ardendo em sede? Adiante!  
Segue! Fora melhor, ao cabo da jornada,  
De um pântano beber a água que, estagnada  
Entre os podres juncaís, em meio da floresta  
Dorme... Fora melhor beber dessa água! Nesta  
Se acaso a incauta mão mergulha um dia a gente,  
Ao sentir-lhe a frescura ao mesmo tempo sente  
As picadas mortais das peçonhentas cobras,  
Que coleiam, torcendo e destorcendo as dobras  
Da escama, e da atra boca expelindo o veneno...

Segue! Porque é maldito e ingrato este terreno:  
Quando, cheio de fé na colheita futura,  
Antegozando o bem da próxima fartura,  
Na terra, que fecunda e boa te parece,  
Semeares trigo, — em vez da ambicionada messe,  
Em vez da espiga de ouro a cintilar, — apenas  
Colherás o meimendro, e as cabeludas penas  
Que, como serpes, brande a mandrágora bruta,  
Entre vegetações de asfódelo e cicuta...

Ninguém logrou jamais atravessar em vida  
A floresta sem fim, negra e desconhecida,  
Que eu tenho dentro d'alma. É uma floresta enorme,  
Onde, virgem intacta, a natureza dorme,  
Como nos matagais da América e de Java:  
Cresce, crespa e cerrada, a laçaria brava  
Dos fléxiles cipós, curvos e resistentes,  
As árvores atando em voltas de serpentes;  
Lá dentro, na espessura, entre o esplendor selvagem

Da flora tropical, nos arcos de folhagem  
Balançam-se animais fantásticos, suspensos:  
Morcegos de uma forma extraordinária, e imensos  
Escaravelhos que o ar pesado e morno agitam.  
Monstros de horrendo aspecto estas furnas habitam:  
— Elefantes brutais, brutais rinocerontes,  
Esfregando ao passar contra os rugosos montes  
A rugosa couraça, e espedaçando os troncos  
Das árvores, lá vão; e hipopótamos broncos  
De tímido focinho e orelhas eriçadas,  
Batem pausadamente as patas compassadas.

Na clareira, onde o sol penetra ao meio-dia  
O auriverde dossel das ramagens, e enfia  
Como uma cunha de ouro um raio luminoso,  
E onde um calmo retiro achar contaste ansioso,  
— Transido de pavor encontrarás, piscando  
Os olhos verdes, e o ar, sôfrego, respirando,  
Um tigre a dormir, com a língua rubra o pêlo  
De veludo lustrando, ou, em calma, um novelo  
De boas, digerindo o touro devorado...

Tem receio de tudo! O céu puro e azulado,  
A erva, o fruto maduro, o sol, o ambiente mudo,  
Tudo aquilo é mortal... Tem receio de tudo!

E é porque eu sou assim que o mundo me repele,  
E é por isso também que eu nada quero dele!

No Limiar da Morte  
Grande lascivo! Espera-te a  
voluptuosidade do nada.  
(Machado de Assis, Brás Cubas.)  
Engelhadas as faces, os cabelos  
Brancos, ferido, chegas da jornada;  
Revês da infância os dias; e, ao revê-los,  
Que fundas mágoas na alma lacerada!

Paras. Palpas a treva em torno. Os gelos  
Da velhice te cercam. Vês a estrada  
Negra, cheia de sombras, povoada  
De atros espectros e de pesadelos...

Tu, que amaste e sofreste, agora os passos  
Para meu lado moves. Alma em prantos,  
Deixas os ódios do mundano inferno...

Vem! Que enfim gozarás entre meus braços  
Toda a volúpia, todos os encantos,  
Toda a delícia do repouso eterno!  
Paráfrase de Baudelaire

Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça  
O peso dessa noite embalsamada e espessa...  
Que suave calor, que volúpia divina  
As carnes me penetra e os nervos me domina!  
Ah! Deixa-e aspirar indefinidamente  
Este aroma subtil, este perfume ardente!  
Deixa-me adormecer envolto em teus cabelos!...  
Quero senti-los, quero aspira-los, sorvê-los,  
E neles mergulhar loucamente o meu rosto,  
Como quem vem de longe, e, às horas do sol posto,  
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,  
Onde mitiga ansioso a sede que o tortura...  
Quero te-los nas mãos, e agita-los, cantando,  
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando.  
Ah! Se pudesses ver tudo o que neles vejo!  
— Meu desvairado amor! Meu insano desejo!...

Teus cabelos contêm uma visão completa:  
— Largas águas, movendo a superfície inquieta,  
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,  
Sob o claro dossel palpitante dos astros;  
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios  
De todas as nações e todos os feitios,  
Desenrolando no alto as flâmulas ao vento,  
E recortando o azul do limpo firmamento,  
50b o qual há uma eterna, uma infinita calma.

E prevê meu olhar e pressente minh'alma  
Longe, — onde, mais profundo e mais azul, se arqueia  
O céu, onde há mais luz, e onde a atmosfera, cheia  
De aromas, ao repouso e ao divagar convida,  
— Um país encantado, uma região querida,  
Fresca, sorrindo ao sol, entre frutos e flores:  
— Terra santa da luz, do sonho e dos amores...  
Terra que nunca vi, terra que não existe,  
Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,  
Sinto no coração, ralado de ansiedade,  
Uma saudade eterna, uma fatal saudade!  
Minha pátria ideal! Em vão estendo os braços  
Para teu lado! Em vão para teu lado os passos  
Movo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado  
Poderei repousar meu corpo fatigado...  
Nunca mais! Nunca mais!

Sobre a minha cabeça,  
Querida! Abre essa noite embalsamada e espessa!  
Desdobra sobre mim os teus negros cabelos!  
Quero, sôfrego e louco, aspira-los, morde-los,  
E, bêbedo de amor, o seu peso sentindo,  
Neles dormir envolto e ser feliz dormindo...

Ah! Se pudesses ver tudo o que neles vejo!

Meu desvairado amor! Meu insano desejo!

Rios e Pântanos

Muita vez houve céu dentro de um peito!

Céu coberto de estrelas resplendentes,

Sobre rios alvíssimos, de leito

De fina prata e margens fluorescentes...

Um dia veio, em que a descrença o aspeito

Mudou de tudo: em túrbidas enchentes,

A água um manto de lodo e trevas feito

Estendeu pelas veigas recendentes.

E a alma que os anjos de asa solta, os sonhos

E as ilusões cruzaram revoando,

— Depois, na superfície horrenda e fria,

Só apresenta pântanos medonhos,

Onde, os longos sudários arrastando,

Passa da peste a legião sombria.

De Volta do Baile

Chega do baile. Descansa.

Move a ebúrnea ventarola.

Que aroma de sua trança

Voluptuoso se evola!

Ao vê-la, a alcova deserta

E muda até então, em roda

Sentindo-a, treme, desperta,

E é festa e delírio toda.

Despe-se. O manto primeiro

Retira, as luvas agora,

Agora as jóias, chuveiro

De pedras da cor da aurora.

E pelas pérolas, pelos

Rubins de fogo e diamantes,

Faiscando nos seus cabelos

Como estrelas coruscantes.

Pelos colares em dobras

Enrolados, pelos finos

Braceletes, como cobras

Mordendo os braços divinos,

Pela grinalda de flores,

Pelas sedas que se agitam

Murmurando e as várias cores

Vivas do arco-íris imitam,



— Por tudo, as mãos inquietas  
Se movem rapidamente,  
Como um par de borboletas  
Sobre um jardim florescente.

Voando em torno, infinitas,  
Precipitadas, vão, soltas,  
Revoltas nuvens de fitas,  
Nuvens de rendas revoltas.

E, de entre as rendas e o arminho,  
Saltam seus seios rosados,  
Como de dentro de um ninho  
Dois pássaros assustados.

E da lâmpada suspensa  
Treme o clarão; e há por tudo  
Uma agitação imensa,  
Um êxtase imenso e mudo.

E, como que por encanto,  
Num longo rumor de beijos,  
Há vozes em cada canto  
E em cada canto desejos...

Mais um gesto... E, vagarosa,  
Dos ombros solta, a camisa  
Pelo seu corpo, amorosa  
E sensualmente, desliza.

E o tronco altivo e direito,  
O braço, a curva macia  
Da espádua, o talhe do peito  
Que de tão branco irradia;

O ventre que, como a neve,  
Firme e alvíssimo se arqueia  
E apenas embaixo um leve  
Buço dourado sombreia;

A coxa firme, que desce  
Curvamente, a perna, o artelho;  
Todo o seu corpo aparece  
Subitamente no espelho...

Mas logo um deslumbramento  
Se espalha na alcova inteira:  
Com um rápido movimento  
Destouca-se a cabeleira.

Que riquíssimo tesouro  
Naqueles fios dardeja!  
É como uma nuvem de ouro  
Que a envolve, e, em zelos, a beija.

Toda, contorno a contorno,  
Da frente aos pés, cerca-a; e em ondas  
Fulvas derrama-se em torno  
De suas formas redondas:

E, depois de apaixonada  
Beija-la linha por linha,  
Cai-lhe às costas, desdobrada  
Como um manto de rainha...

Sahara Vitae  
Lá vão eles, lá vão! O céu se arqueia  
Como um teto de bronze infindo e quente,  
E o sol fuzila e, fuzilando, ardente  
Criva de flechas de aço o mar de areia...

Lá vão, com os olhos onde a sede ateia  
Um fogo estranho, procurando em frente  
Esse oásis do amor que, claramente,  
Além, belo e falaz, se delineia.

Mas o simum da morte sopra: a tromba  
Convulsa envolve-os, prostra-os; e aplacada  
Sobre si mesma roda e exausta tomba...

E o sol de novo no ígneo céu fuzila...  
E sobre a geração exterminada  
A areia dorme plácida e tranqüila.  
Beijo Eterno

Quero um beijo sem fim,  
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!  
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo,  
Beija-me assim!  
O ouvido fecha ao rumor  
Do mundo, e beija-me, querida!  
Vive só para mim, só para a minha vida,  
Só para o meu amor!

Fora, repouse em paz  
Dormida em calmo sono a calma natureza,  
Ou se debata, das tormentas presa, —  
Beija inda mais!

E, enquanto o brando calor  
Sinto em meu peito de teu seio,  
Nossas bocas febris se unam com o mesmo anseio,  
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol,  
Vão-se os dias sem conto! E as noites, como os dias,  
Sem conto vão-se, cálidas ou frias!  
Rutile o sol  
Esplêndido e abrasador!  
No alto as estrelas coruscantes,  
Tauxiando os largos céus, brilhem como diamantes!  
Brilhe aqui dentro o amor!

Suceda a treva à luz!  
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;  
Em véus de opala a madrugada aponte  
Nos céus azuis,  
E Vênus, como uma flor,  
Brilhe, a sorrir, do ocaso à porta,  
Brilhe à porta do Oriente! A treva e a luz — que importa?  
Só nos importa o amor!

Raive o sol no Verão!  
Venha o Outono! Do Inverno os frígidos vapores  
Toldem o céu! Das aves e das flores  
Venha a estação!  
Que nos importa o esplendor  
Da primavera, e o firmamento  
Limpo, e o sol cintilante, e a neve, e a chuva, e o vento?  
— Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos! Que o mar  
Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!  
E cante o sol! A ave desperte e cante!  
Cante o luar,  
Cheio de um novo fulgor!  
Cante a amplidão! Cante a floresta!  
E a natureza toda, em delirante festa,  
Cante, cante este amor!

Rasgue-se, à noite, o véu  
Das neblinas, e o vento inquiria o monte e o vale:  
"Quem canta assim?" E uma áurea estrela fale  
Do alto do céu  
Ao mar, presa de pavor:  
"Que agitação estranha é aquela?"  
E o mar adoce a voz, e à curiosa estrela  
Responda que é o amor!

E a ave, ao sol da manhã,  
Também, a asa vibrando, à estrela que palpita  
Responda, ao vê-la desmaiada e aflita:  
"Que beijo, irmã! Pudesses ver com que ardor  
Eles se beijam loucamente!"

E inveje-nos a estrela... — e apague o olhar dormente,  
Morta, morta de amor!..

Diz tua boca: "Vem!"  
"Inda mais!", diz a minha, a soluçar... Exclama  
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:  
"Morde também!"  
Ai! Morde! Que doce é a dor  
Que me entra as carnes, e as tortura!  
Beija mais! Morde mais! Que eu morra de ventura,  
Morto por teu amor!

Quero um beijo sem fim,  
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!  
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!  
Beija-me assim!  
O ouvido fecha ao rumor  
Do mundo, e beija-me, querida!  
Vive só para mim, só para a minha vida,  
Só para o meu amor!  
Pomba e Chacal  
Õ Natureza! Ó mãe piedosa e pura!  
Ó cruel, implacável assassina!  
— Mão, que o veneno e o bálsamo propina  
E aos sorrisos as lágrimas mistura!

Pois o berço, onde a boca pequenina  
Abre o infante a sorrir, é a miniatura  
A vaga imagem de uma sepultura,  
O gérmen vivo de uma atroz ruína?!

Sempre o contraste! Pássaros cantando  
Sobre túmulos... Flores sobre a face  
De ascosas águas pútridas boiando...  
Anda a tristeza ao lado da alegria...  
E esse teu seio, de onde a noite nasce,  
É o mesmo seio de onde nasce o dia...  
Medalha Antiga  
(Leconte de Lisle)

Este, sim! Viverá por séculos e séculos,  
Vencendo o olvido. Soube a sua mão deixar,  
Ondeando no negror do ônix polido e rútilo,  
A alva espuma do mar.

Ao sol, bela e radiosa, o olhar surpreso e extático,  
Vê-se Kypre, à feição de uma jovem princesa,  
Molemente emergir à flor da face trêmula  
Da líquida turquesa.

Nua a deusa, nadando, a onda dos seios túmidos  
Leva diante de si, amorosa e sensual:  
E a onda mansa do mar borda de argênteos flóculos  
Seu pescoço imortal.

Livre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se  
Gotejante o cabelo: e seu corpo encantado  
Brilha nas águas, como, entre violetas úmidas,  
Um lírio imaculado.

E nada, e folga, enquanto as barbatanas ásperas  
E as fulvas caudas no ar batendo, e em derredor  
Turvando o Oceano, em grupo os delfins atropelam-se,  
Para a fitar melhor.

No Cárcere

Por que hei de, em tudo quanto vejo, vê-la?  
Por que hei de eterna assim reproduzida  
Vê-la na água do mar, na luz da estrela,  
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida?

Fosse possível ser a imagem dela  
Depois de tantas mágoas esquecida!...  
Pois acaso será, para esquece-la,  
Mister e força que me deixe a vida?

Negra lembrança do passado! Lento  
Martírio, lento e atroz! Por que não há de  
Ser dado a toda a mágoa o esquecimento?

Por quê? Quem me encadeia sem piedade  
No cárcere sem luz deste tormento,  
Com os pesados grilhões desta saudade?  
Olhando a Corrente

Põe-te à margem! Contempla-a, lentamente,  
Crespa, turva, a rolar. Em vão indagas  
A que paragens, a que longes plagas  
Desce, ululando, a lúgubre torrente.

Vem de longe, de longe... Ouve-lhe as pragas!  
Que infrene grita, que bramir freqüente,  
Que coro de blasfêmias surdamente  
Rolam na queda dessas negras vagas!

Choras? Tremes? É tarde... Esses violentos  
Gritos escuta! Em lágrimas, tristonhos,  
Fechas os olhos?... Olha ainda o horror

Daquelas águas! Vê! Teus juramentos  
Lá vão! Lá vão levados os meus sonhos,  
Lá vai levado todo o nosso amor!

Tenho Frio e ardo em Febre!  
E tremo a mezza state,  
ardendo inverno.  
(PETRARCA)

Tenho frio e ardo em febre!  
O amor me acalma e endouda! O amor me eleva e abate!  
Quem há que os laços, que me prendem, quebre?  
Que singular, que desigual combate!

Não sei que ervada frecha  
Mão certa e falaz me cravou com tal jeito,  
Que, sem que eu a sentisse, a estreita brecha  
Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor me entrou tão cauto  
O incauto coração, que eu nem cuidei que estava,  
Ao recebe-lo, recebendo o arauto  
Desta loucura desvairada e brava.

Entrou. E, apenas dentro,  
Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...  
E hoje...Ai! De mim, que dentro em mim concentro  
Dores e gostos num lutar eterno!

O amor, Senhora, vede:  
Prendeu-me. Em vão me estorço, e me debato, e grito;  
Em vão me agito na apertada rede...  
Mais me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso: a esmo,  
Como um cego, a tatear, busco nem sei que porto:  
E ando tão diferente de mim mesmo,  
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as nuvens paira  
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra;  
Sei que tudo me alegra e me desvaira,  
E a paz desfruto, suportando a guerra.

E assim peno e assim vivo:  
Que diverso querer! Que diversa vontade!  
Se estou livre, desejo estar cativo;  
Se cativo, desejo a liberdade!

E assim vivo, e assim peno;  
Tenho a boca a sorrir e os olhos cheios de água:  
E acho o néctar num cálix de veneno,  
A chorar de prazer e a rir de mágoa.

Infinda mágoa! infindo  
Prazer! Pranto gostoso e sorrisos convulsos!  
Ah! Como dói assim viver, sentindo  
Asas nos ombros e grilhões nos pulsos!  
Nel Mezzo Del Camin...  
Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha,  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada  
Da vida: longos anos, presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida  
Nem o pranto os teus olhos umedece,  
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.  
Solitudo

Já que te é grato o sofrimento alheio,  
Vai! Não fique em minh'alma nem um traço,  
Nem um vestígio teu! Por todo o espaço  
Se estenda o luto carregado e feio.

Turvem-se os largos céus... No leite escasso  
Dos rios a água seque... E eu tenha o seio  
Como um deserto pavoroso, cheio  
De horrores, sem sinal de humano passo...

Vão-se as aves e as flores juntamente  
Contigo... Torre o sol a verde alfombra,  
A areia envolva a solidão inteira...

E só fique em meu peito o Saara ardente  
Sem um oásis, sem a esquiva sombra  
De uma isolada e trêmula palmeira!  
A Canção de Romeu  
Abre a janela... Acorda!  
Que eu, só por te acordar,  
Vou pulsando a guitarra, corda a corda,  
Ao luar!

As estrelas surgiram  
Todas: e o limpo véu,  
Como lírios alvíssimos, cobriram  
Do céu.

De todas a mais bela  
Não veio inda, porém:  
Falta uma estrela... És tu! Abre a janela,  
E vem!

A alva cortina ansiosa  
Do leito entreabre; e, ao chão  
Saltando, o ouvido presta à harmoniosa  
Canção.

Solta os cabelos cheios  
De aroma: e seminus,  
Surjam formosos, trêmulos, teus seios  
À luz.

Repousa o espaço mudo;  
Nem uma aragem, vês?  
Tudo é silêncio, tudo calma, tudo  
Mudez.

Abre a janela, acorda!  
Que eu, só por te acordar,  
Vou pulsando a guitarra corda a corda,  
Ao luar!

Que puro céu! Que pura  
Noite! Nem um rumor..  
Só a guitarra em minhas mãos murmura:  
Amor!...

Não foi o vento brando  
Que ouviste soar aqui:  
É o choro da guitarra, perguntando  
Por ti.

Não foi a ave que ouviste  
Chilrando no jardim:  
É a guitarra que geme e trila triste  
Assim.

Vem, que esta voz secreta  
É o canto de Romeu!  
Acorda! Quem te chama, Julieta,  
Sou eu!

Porém... Ó cotovia,  
Silêncio! A aurora, em véus  
De névoa e rosas, não desdobre o dia  
Nos céus...



Silêncio! Que ela acorda...  
Já fulge o seu olhar...  
Adormeça a guitarra, corda a corda,  
Ao luar!  
A Tentação de Xenócrates

I

Nada turbava aquela vida austera:  
Calmo, traçada a túnica severa,  
Impassível, cruzando a passos lentos  
As aléias de plátanos, — dizia  
Das faculdades da alma e da teoria  
De Platão aos discípulos atentos.

Ora o viam perder-se, concentrado,  
No labirinto escuso de intricado,  
Controverso e sofisticado problema,  
Ora os pontos obscuros explicando  
Do Timeu, e seguro manejando  
A lâmina bigúmea do dilema.

Muitas vezes, nas mãos pousando a fronte,  
Com o vago olhar perdido no horizonte,  
Em pertinaz meditação ficava.  
Assim, junto às sagradas oliveiras,  
Era imoto seu corpo horas inteiras,  
Mas longe dele o espírito pairava.

Longe, acima do humano fervedouro,  
Sobre as nuvens radiantes,  
Sobre a planície das estrelas de ouro;  
Na alta esfera, no páramo profundo  
Onde não vão, errantes,  
Bramir as vozes das paixões do mundo:

Aí, na eterna calma,  
Na eterna luz dos céus silenciosos,  
Voa, abrindo, sua alma  
As asas invisíveis,  
E interrogando os vultos majestosos  
Dos deuses impassíveis...

E a noite desce, afuma o firmamento...  
Soa somente, a espaços,  
O prolongado sussurrar do vento...  
E expira, às luzes últimas do dia,  
Todo o rumor de passos  
Pelos ermos jardins da Academia.

E, longe, luz mais pura

Que a extinta luz daquele dia morto  
Xenócrates procura:  
— Imortal claridade,  
Que é proteção e amor, vida e conforto,  
Porque é a luz da verdade.

II

Ora Laís, a siciliana escrava  
Que Apeles seduzira, amada e bela  
Por esse tempo Atenas dominava...

Nem o frio Demóstenes altivo  
Lhe fuge o império: dos encantos dela  
Curva-se o próprio Diógenes cativo.

Não é maior que a sua a encantadora  
Graça das formas nítidas e puras  
Da irresistível Diana caçadora;

Há nos seus olhos um poder divino;  
Há venenos e pérfidas doçuras  
Na fita de seu lábio purpurino;

Tem nos seios — dois pássaros que pulam  
Ao contacto de um beijo, — nos pequenos  
Pés, que as sandálias sôfregas osculam.

Na coxa, no quadril, no torso airoso,  
Todo o primor da calipígia Vênus  
— Estátua viva e esplêndida do Gozo.

Caem-lhe aos pés as pérolas e as flores,  
As dracmas de ouro, as almas e os presentes,  
Por uma noite de febris ardores.

Heliastes e Eupátridas sagrados,  
Artistas e Oradores eloqüentes  
Leva ao carro de glória acorrentados...

E os generais indômitos, vencidos,  
Vendo-a, sentem por baixo das couraças  
Os corações de súbito feridos.

III

Certa noite, ao clamor da festa, em gala,  
Ao som contínuo das lavradas taças  
Tinindo cheias na espaçosa sala,

Vozeava o Ceramico, repleto  
De cortesãs e flores. As mais belas

Das heteras de Samos e Mileto

Eram todas na orgia. Estas bebiam,  
Nuas, à deusa Ceres. Longe, aquelas  
Em animados grupos discutiam.

Pendentes no ar, em nuvens densas, vários  
Quentes incensos índicos queimando,  
Oscilavam de leve os incensários.

Tíbios flautins finíssimos gritavam;  
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,  
Crótalos claros de metal cantavam...

O espúmeo Chipre as faces dos convivas  
Acendia. Soavam desvairados  
Febris acentos de canções lascivas.

Via-se a um lado a pálida Frinéia,  
Provocando os olhares deslumbrados  
E os sensuais desejos da assembléia.

Laís além falava: e, de seus lábios  
Suspensos, a beber-lhe a voz maviosa,  
Cercavam-na Filósofos e Sábios.

Nisto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira  
Voz de Aristipo: "És bela e poderosa,  
Laís! Mas, por que sejas a primeira,

A mais irresistível das mulheres,  
Cumpra domar Xenócrates! És bela...  
Poderás fascina-lo se o quiseres!

Doma-o, e serás rainha! "Ela sorria.  
E apostou que, submisso e vil, naquela  
Mesma noite a seus pés o prostraria.  
Apostou e partiu...

IV

Na alcova muda e quieta,  
Apenas se escutava  
Leve, a areia, a cair no vidro da ampulheta...  
Xenócrates velava.

Mas que harmonia estranha,  
Que sussurro lá fora! Agita-se o arvoredado  
Que o límpido luar serenamente banha:  
Treme, fala em segredo...

As estrelas, que o céu cobrem de lado a lado,  
A água ondeante dos lagos  
Fitam, nela espalhando o seu clarão dourado,  
Em tímidos afagos.

Solta um pássaro o canto.  
Há um cheiro de carne à beira dos caminhos...  
E acordam ao luar, como que por encanto,  
Estremecendo, os ninhos...

Que indistinto rumor! Vibram na voz do vento  
Crebros, vivos arpejos.  
E vai da terra e vem do curvo firmamento  
Um murmurar de beijos.

Com as asas de ouro, em roda  
Do céu, naquela noite úmida e clara, voa  
Alguém que a tudo acorda e a natureza toda  
De desejos povoa:

É a Volúpia que passa e no ar desliza; passa,  
E os corações inflama...  
Lá vai! E, sobre a terra, o amor, da curva taça  
Que traz às mãos, derrama.

E entretanto, deixando  
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,  
Xenócrates medita, as magras mãos cruzando  
Sobre o escamado peito.

Cisma. E tão aturada é a cisma em que flutua  
Sua alma, e que a regiões ignotas o transporta,  
— Que não sente Lais, que surge seminua  
Da muda alcova à porta.

## V

É bela assim! Desprende a clâmide! Revolta,  
Ondeante, a cabeleira, aos níveos ombros solta,  
Cobre-lhe os seios nus e a curva dos quadris,  
Num louco turbilhão de áureos fios subtis.  
Que fogo em seu olhar! Vê-lo é a seus pés prostrada  
A alma ter suplicante, em lágrimas banhada,  
Em desejos acesa! Olhar divino! Olhar  
Que encadeia, e domina, e arrasta ao seu altar  
Os que morrem por ela, e ao céu pedem mais vida,  
Para te-la por ela inda uma vez perdida!  
Mas Xenócrates cisma...

É em vão que, a prumo, o sol  
Desse olhar abre a luz num radiante arrebol...

Em vão! Vem tarde o sol! Jaz extinta a cratera,  
Não há vida, nem ar, nem luz, nem primavera:  
Gelo apenas! E, em gelo envolto, ergue o vulcão  
Os flancos, entre a névoa e a opaca cerração...

Cisma o sábio. Que importa aquele corpo ardente  
Que o envolve, e enlaça, e prende, e aperta loucamente?  
Fosse cadáver frio o mundo ancião! talvez  
Mais sentisse o calor daquela ebúrnea tez!...

Em vão Laís o abraça, e o nacarado lábio  
Chega-lhe ao lábio frio... Em vão! Medita o sábio,  
E nem sente o calor desse corpo que o atrai,  
Nem o aroma febril que dessa boca sai.

E ela: "Vivo não és! Jurei domar um homem,  
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem!"

Xenócrates, então, do leito levantou  
O corpo, e o olhar no olhar da cortesã cravou:

"Pode rugir a carne... Embora! Dela acima  
Paira o espírito ideal que a purifica e anima:  
Cobrem nuvens o espaço, e, acima do atro véu  
Das nuvens, brilha a estrela iluminando o céu!"

Disse. E outra vez, deixando  
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,  
Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando  
Sobre o escamado peito.

**FIM**